

TERRY GOODKIND

# O SANGUE DA VIRTUDE

Parte II

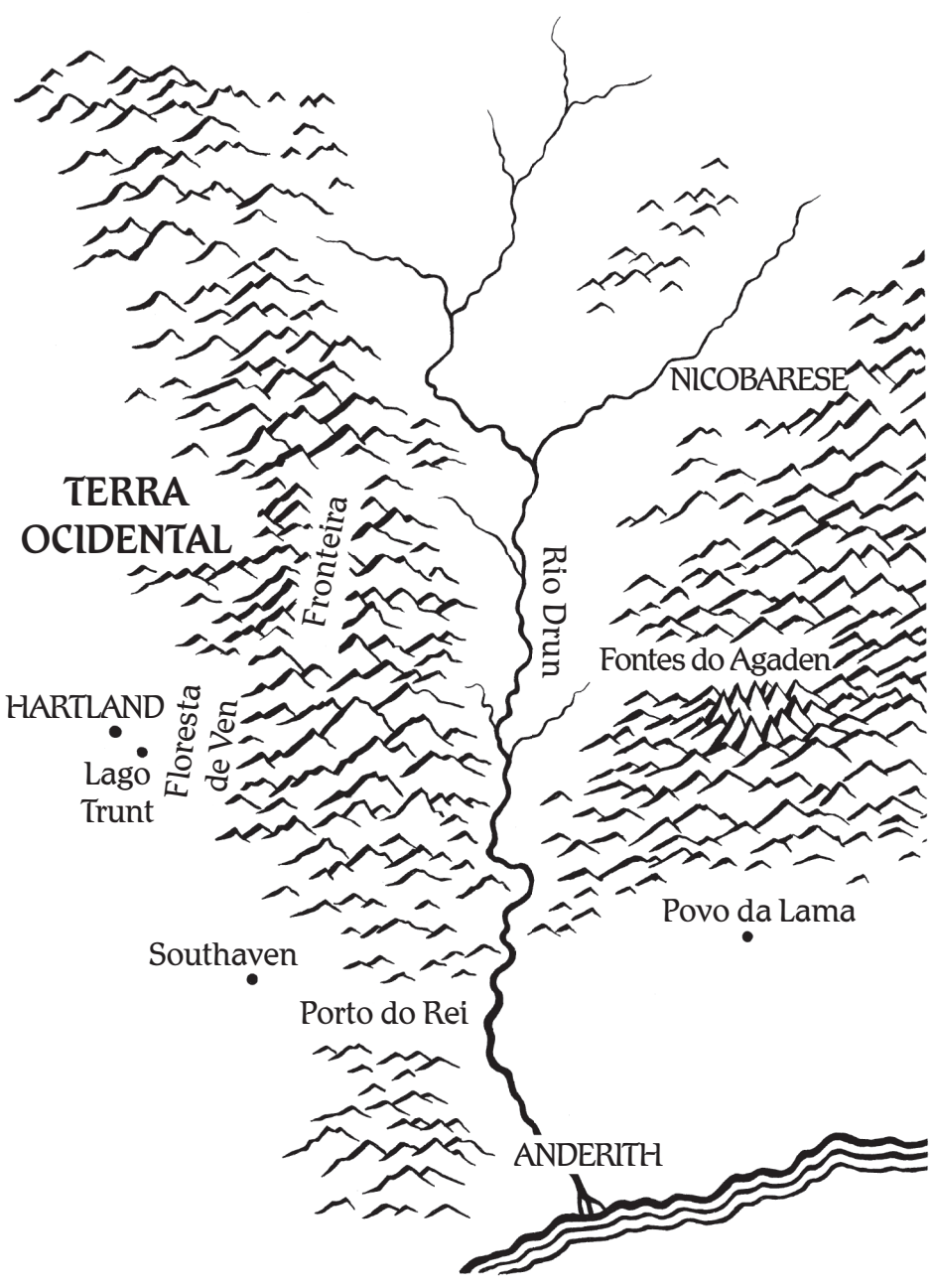
Traduzido por  
José Remelhe

*Para Ann Hansen,  
a luz nas trevas*



## *Agradecimentos*

Como sempre, o meu obrigado a todos aqueles que me ajudaram: o meu editor, James Frenkel, pela forma hábil como continua a elevar a fasquia; à minha editora britânica, Caroline Oakley, e aos simpáticos colaboradores da Orion pela sua dedicação à excelência; a James Minz, pela frase fantástica; a Linda Quinton e à equipa de vendas e *marketing* da Tor, pela sua paixão e triunfos; a Tom Doherty, pela sua confiança, graças à qual continuo a trabalhar com dedicação; a Kevin Murphy, pelos galardoados grafismos; a Jeri, pela sua paciência; e aos espíritos de Richard e Kahlan, que continuam a ser a minha inspiração.



TERRA  
OCIDENTAL

NICOBARESE

Rio Drun

Fronteira

Fontes do Agaden

HARTLAND

Lago  
Trunt

Floresta  
de Ven

Povo da Lama

Southaven

Porto do Rei

ANDERITH



AYDINDRIL

D'HARA

TERRA CENTRAL

GALEA

KELTON

Tamarang

Rio Callisidrin

Fronteira

PALÁCIO DO POVO

Planícies de Azrith

Rio Kern

REGIÃO SELVAGEM

Renwold

VELHO MUNDO

TANIMURA



# Capítulo 1

Como flocos de neve de um sonho errático e sombrio, aos poucos tudo recomeçou a ganhar forma na sua visão: primeiro os dois fogos, depois as tochas, a seguir as paredes negras de pedra e, por fim, as pessoas.

Por um momento, sentiu o corpo entorpecido, antes de voltar a perceber a sensação de um milhão de ferroadas dolorosas na carne.

Jagang deu uma enorme dentada num pedaço de faisão assado. Mastigou por instantes e depois agitou um osso na direção dela.

– Sabes qual é o teu problema, Ulícia? – indagou, sem deixar de mastigar. – Utilizas magia que consegues libertar tão depressa quanto um pensamento.

O sorriso escarninho voltou a aflorar-lhe aos lábios gordurosos.

– Eu, por outro lado, sou um viajante de sonhos. Utilizo o tempo entre fragmentos de pensamento, aquele momento de quietude em que nada existe, para fazer o que faço. Consigo imiscuir-me onde mais ninguém é capaz.

Voltou a gesticular com o osso, enquanto engolia.

– Sabes, para mim, naquele espaço entre o pensamento o tempo é infinito, e eu posso fazer tudo o que quero. É como se vocês fossem estátuas de pedra a tentar perseguir-me.

Ulícia sentiu as Irmãs através da ligação. Continuava ativa.

– Primitivo, muito primitivo – acrescentou Jagang. – Já vi outros com uma prestação muito melhor; porém, eram também mais experientes. Para já, deixei-vos a ligação. Quero que se sintam umas às outras. Mais tarde, quebrá-la-ei. Tal como posso quebrar a ligação,



também posso quebrar as vossas mentes. – Sorveu um trago de vinho. – Mas acho isso muito pouco produtivo. Como posso dar uma lição a alguém, uma lição a sério, se as suas mentes não a compreenderem?

Através da ligação, Ulícia sentiu Cecília perder o controlo da bexiga e a urina quente escorrer-lhe pelas pernas abaixo.

– Como? – Ulícia ouviu a própria voz cava perguntar. – Como pode utilizar o tempo entre os pensamentos?

Jagang pegou na faca e cortou uma fatia de carne num prato de prata ornamentado que estava ao seu lado. Espetou o centro ensanguentado com a ponta da faca e depois pousou os cotovelos no tampo da mesa.

– O que somos todos nós? – Agitou o pedaço de carne empalado que escorria sangue. – O que é a realidade?

Arrancou a carne da faca com os dentes e mastigou, enquanto continuava a falar.

– Somos os nossos corpos? Nesse caso, será que uma pessoa de pequena estatura vale menos do que uma pessoa corpulenta? Se somos os nossos corpos, quando perdemos um braço ou uma perna passamos a ser menos, começamos a esvanecer-nos da existência? Não. Somos a mesma pessoa.

»Portanto, não somos os nossos corpos; somos os nossos pensamentos. À medida que se formam, definem quem somos e criam a realidade da nossa existência. Entre esses pensamentos não há nada, exceto o corpo. Eu apareço aí. No espaço entre os teus pensamentos, o tempo não tem qualquer significado para ti, mas para mim tem. – Bebeu um gole de vinho. – Sou uma nuvem que desliza entre as fissuras da tua existência.

Através da ligação, Ulícia conseguia sentir as outras a tremer.

– Isso não é possível – murmurou. – O seu *han* não pode desdobrar o tempo, dividi-lo.

O sorriso condescendente de Jagang fê-la perder o fôlego.

– Uma simples e pequena cunha, inserida numa fissura do maior penedo que se possa imaginar, tem a capacidade para o destruir. Eu sou essa cunha e, neste momento, estou cravado nas fissuras das vossas mentes.

Ulícia permaneceu de pé em silêncio, enquanto o polegar dele arrancou uma tira longa de leitão assado.

– Quando dormem, os vossos pensamentos vagueiam e derivam, tornando-vos vulneráveis. Quando dormem, são como um farol que eu posso localizar.

– E o que pretende de nós? – perguntou Armina.

Jagang cravou os dentes num pedaço de carne de porco.

– Ora bem, para já, temos um inimigo comum: Richard Rahl. Vocês conhecem-no pelo sobrenome Cypher, o *seeker*. – Ergueu a sobrancelha por cima de um dos seus olhos negros e ferozes. – Até agora, o Richard tem-me sido útil. Fez-me um enorme favor ao destruir a Barreira, o que me manteve deste lado. Ou, pelo menos, ao meu corpo. Vocês, Irmãs das Trevas, o Guardiã e o Richard Rahl permitiram-me conseguir a supremacia da raça humana.

– Não fizemos tal coisa – protestou Tovi com uma voz submissa.

– Aí é que te enganas! O Criador e o Guardiã competiram pelo domínio deste mundo; o Criador apenas para impedir que o Guardiã o mergulhasse no mundo dos mortos, e o Guardiã porque tem um apetite insaciável pelos vivos.

Ergueu os olhos escuros de modo, encarando-as.

– Ao tentarem libertar o Guardiã para lhe dar este mundo, conferiram-lhe poder aqui, e isso fez o Richard Rahl vir em defesa dos vivos. Ele restituiu o equilíbrio. Tal como acontece no espaço entre os vossos pensamentos, eu consigo entrar nesse equilíbrio e manipulá-lo. A magia é o caminho entre os mundos: ao reduzir a quantidade de magia no mundo, diminuo a influência do Criador e do Guardiã. O Criador continuará a enviar a sua centelha de vida, e o Guardiã, a tomá-la quando chegar a sua hora, mas, para além disso, o mundo pertencerá aos homens. A antiga religião da magia reduzir-se-á ao passado, acabando por se tornar um mito.

»Eu sou um viajante de sonhos; vi os sonhos dos homens, conheço o seu potencial. A magia suprime essas visões infinitas. Sem a magia, a mente do Homem, a sua imaginação, será libertada, e ele será todo-poderoso. Foi dessa forma que treinei o meu exército. Quando a magia for erradicada, os meus homens estarão na vanguarda da nova Humanidade.

– E agora o seu inimigo é o Richard Rahl? – inquiriu Ulícia, tentando fazer que Jagang continuasse a falar, enquanto ela pensava como agir.

– O Richard teve de proceder conforme procedeu, é claro; caso contrário, vocês, minhas lindas, teriam entregado o mundo ao Guardião. No entanto, agora ele está a interferir nos meus planos. É jovem e não tem noção dos seus dons. Eu, por outro lado, passei os últimos vinte anos a aperfeiçoá-los.

Brandiu a ponta da faca diante dos olhos, indicando-os.

– Só no último ano é que os meus olhos se transformaram: a marca de um viajante de sonhos. Só agora conquistei o direito à mais temida denominação do velho mundo. Na língua antiga, o «viajante de sonhos» é sinónimo de «arma». Até os feiticeiros que os criaram se arrependeram.

Lambeu a gordura da faca, enquanto as perscrutava.

– É um erro forjar armas que pensam por si mesmas. Agora, vocês são as minhas armas. Eu não cometo o mesmo erro.

»O meu poder permite-me entrar na mente de qualquer pessoa durante o sono. Naqueles que não possuem o dom, a minha influência é limitada, mas esses têm pouca utilidade; porém, nos que possuem o dom, como é o vosso caso, posso fazer tudo o que quero. Assim que entro na vossa mente, esta deixa de vos pertencer. Passa a ser minha.

»A magia dos viajantes de sonhos era poderosa, mas instável. Nos últimos três mil anos, desde que a Barreira foi erguida e nos prendeu aqui, ninguém nasceu com este dom. Mas agora há um novo viajante de sonhos neste mundo.

Jagang riu-se de forma ameaçadora, estremeçando e fazendo as pregas minúsculas nos cantos da sua boca agitarem-se.

– Esse viajante sou eu!

Ulícia quase lhe pediu que fosse direto ao assunto, mas deteve-se mesmo a tempo. Não tinha qualquer vontade de saber o que o imperador poderia fazer quando acabasse de falar. Precisava de tempo para tentar pensar numa escapatória.

– Como sabe tudo isso?

Jagang arrancou uma tira de gordura queimada da carne assada e deu-lhe algumas mordidelas, enquanto continuava a falar.

– Encontrei um arquivo dos tempos antigos numa cidade soterrada na minha terra natal, Altur'Rang. É irônico o valor que os livros têm para um guerreiro como eu. Também o Palácio dos Profetas tem livros de um valor incalculável, para quem os sabe utilizar. É uma pena o profeta Nathan ter morrido; mas eu disponho de outros feiticeiros. Um fragmento de magia da guerra antiga, uma espécie de escudo, foi transmitido do progenitor para todos os descendentes que têm o dom e nasceram na Casa de Rahl. Este vínculo protege as mentes dessas pessoas, impedindo a minha entrada. O Richard Rahl tem esse poder, e começou a usá-lo. Antes que aprenda demais, deve ser impedido. E a sua noiva, também. – Fez uma pausa, ostentando uma expressão distante e contemplativa. – A Madre Confessora criou-me um pequeno contratempo, mas está a ser castigada pelos meus involuntários fantoches no Norte. Com o seu zelo, aqueles palermas criaram algumas complicações, mas ainda posso puxar os cordelinhos; então, eles dançarão ao som da minha música. Dediquei um enorme esforço para mudar o rumo dos acontecimentos a meu favor, de modo a ter o Richard Rahl e a Madre Confessora na palma da mão.

Fechou o punho, apertando um pedaço de leitão assado.

– O Richard nasceu como feiticeiro guerreiro, o primeiro em três mil anos, e um feiticeiro com essas características será uma arma preciosíssima nas minhas mãos. O Richard consegue fazer coisas que nenhuma de vocês é capaz. Por isso, não quero matá-lo, quero controlá-lo. Quando deixar de me ser útil, então, matá-lo-ei. Vocês são um bom exemplo disto: poderia ter-vos matado às seis, mas de que me serviria? Enquanto estiverem sob o meu domínio, não representam uma ameaça para mim, mas ser-me-ão úteis.

Jagang virou o punho para cima, apontando a faca para Merissa.

– Todas vocês juraram vingança contra ele, mas tu, minha linda, juraste banhar-te no seu sangue. Ainda te posso proporcionar esse prazer.

Merissa empalideceu.

– Como... sabe? Eu fiz essa jura acordada.

Jagang riu-se ao ver a expressão de pânico no rosto dela.

– Se não queres que eu saiba alguma coisa, minha querida, não deves sonhar com o que dizes quando estás desperta.

Através da ligação que as unia, Ulícia sentiu que Armina estava na iminência de desmaiar.

– É claro que, antes de mais, vocês as seis têm de ser castigadas. Têm de perceber quem é que controla as vossas vidas. – Com a faca, apontou para os escravos silenciosos atrás de si. – Tornar-se-ão tão obedientes como estes aqui.

Pela primeira vez, Ulícia observou com atenção as pessoas semi-despidas dispostas à volta da sala. Quase arquejou alto. As mulheres eram todas Irmãs. Pior: na sua maioria, eram Irmãs das Trevas. Por outro lado, os homens eram sobretudo jovens feiticeiros que haviam sido libertados após a sua formação e que tinham jurado fidelidade ao Guardiã.

– Algumas são Irmãs da Luz. Servem-me bem, pois receiam que eu lhes faça uma visita caso me desagradem. – Jagang acariciou a corrente fina de ouro que interligava os anéis que usava no nariz e na orelha. – Mas eu prefiro as Irmãs das Trevas: meti-as na ordem, inclusive às do palácio. – Ulícia sentiu como se tivesse levado uma punhalada nas costas. – Afinal, tenho negócios a ultimar no Palácio dos Profetas. Negócios importantes.

As correntes de ouro no peito reluziram sob a luz do lume quando abriu os braços.

– São todos muito obedientes. – Os olhos negros viraram-se para os homens e mulheres nas suas costas. – Não são, meus queridos?

Janet, uma Irmã da Luz, beijou o dedo anelar, enquanto as lágrimas lhe escorriam pela cara. Jagang soltou uma gargalhada. O seu anel cintilou com a luz das labaredas ao apontar-lhe um dedo encorpado.

– Estão a ver aquilo? Eu permito-lho. Deixa-a com falsas esperanças. Se eu a impedisse, ela poderia suicidar-se, porque não teme a morte como aqueles que juraram fidelidade ao Guardiã. Não é verdade, querida Janet?

– Sim, Excelência – respondeu ela com uma voz amedrontada. – O meu corpo pertence-lhe nesta vida, mas a minha alma será pertença do Criador, quando eu morrer.

Jagang desatou a rir, num tom mórbido e dissonante. Ulícia, que já o ouvira antes, sabia o que se seguiria.

– Estão a ver? É isto que eu tolero para poder manter o controlo. É claro que agora ela terá de servir uma semana nas casernas como castigo. – O seu olhar sombrio fez Janet encolher-se. – Mas já sabias que iria ser assim, não sabias, minha querida?

A voz da Irmã Janet ouviu-se, trémula.

– Sim, Excelência.

Os olhos túrbidos e enevoados de Jagang pousaram sobre as seis mulheres defronte dele.

– Gosto de Irmãs das Trevas porque têm motivos válidos para temerem a morte. – Torceu o faisão, partindo-o ao meio. Os ossos do animal retorceram e estalaram. – Desiludiram o Guardião, a quem votaram as suas almas. Se morrerem, não têm como escapar. O Guardião terá a sua vingança pelo fracasso delas. – Soltou uma gargalhada cava, retumbante e de escárnio. – Tal como terá vocês as seis, por toda a eternidade, se me desgostarem.

Ulícia engoliu em seco.

– Compreendemos... Excelência.

O olhar tenebroso de Jagang fê-la esquecer-se de respirar.

– Oh, não, Ulícia, acho que não. Porém, quando acabar a lição que vos vou dar, irão compreender.

Com o seu olhar sombrio incidindo sobre Ulícia, enfiou uma mão debaixo da mesa e puxou uma formosa mulher pelos cabelos loiros. Ela encolheu-se com a dor quando o poderoso punho de Jagang a ergueu. Envergava vestes iguais às das outras. Através do tecido, Ulícia conseguiu lobrigar nódoas negras antigas e amareladas, e outras roxas, mais recentes. Ostentava um hematoma na maçã do rosto direita e uma enorme contusão escura e recente no maxilar esquerdo, com uma linha de quatro cortes provocados pelos anéis de Jagang.

Era Cristabel, uma das Irmãs das Trevas que Ulícia deixara no palácio a fim de preparar o seu regresso. Aparentemente, agora planeavam a chegada de Jagang. Não imaginava o que ele poderia pretender do Palácio dos Profetas.

Jagang virou a mão e apontou.

– Fica de pé, diante de mim.

A Irmã Cristabel apressou-se a contornar a mesa de modo a ficar de frente para o imperador. Alisou com rapidez o cabelo em

desalinho e limpou a boca com as costas da mão antes de fazer uma vénia.

– Como posso servi-lo, Excelência?

– Bem, Cristabel, tenho de dar a estas seis a sua primeira lição. – Arrancou a outra pata do faisão. – Para isso, tens de morrer.

Cristabel fez uma reverência.

– Sim, Excel... – Estacou a meio da frase, ao aperceber-se do significado das palavras de Jagang. Ulícia conseguiu ver-lhe as pernas a tremer ao endireitar-se, mas, mesmo assim, não se atreveu a proferir palavra.

O imperador gesticulou com a pata de faisão para as duas mulheres que estavam sentadas diante dele, e estas afastaram-se. Jagang contemplou-as com o seu sorriso aterrador.

– Adeus, Cristabel.

Os braços da mulher adejaram no ar quando o seu corpo caiu por terra com um grito estridente. Cristabel debateu-se de forma incontrollada no chão, gritando tão alto que feriu os tímpanos de Ulícia. As seis mulheres, de olhos arregalados e sustendo a respiração, fitaram Cristabel, enquanto Jagang mordiscava a pata de faisão. Os gritos de enregelar o sangue prosseguiram, enquanto a cabeça da Irmã rodava de um lado para o outro e todo o seu corpo balançava e ressaltava com os movimentos agitados e violentos das suas pernas.

Jagang acabou o faisão e voltou a encher a caneca de vinho. Ninguém teve coragem de abrir a boca e interrompê-lo, mas, quando o imperador se virou para pegar num cacho de uvas, Ulícia não aguentou mais.

– Quanto tempo demora até ela morrer? – perguntou num tom de voz roufenho.

Jagang ergueu uma sobrancelha.

– Até morrer? – Lançou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Os punhos, ornados com inúmeras pulseiras, bateram com força na mesa, o corpo musculoso agitou-se e a corrente fina entre o nariz e a orelha balançou quando o riso definiu.

Nenhum dos presentes esboçou o mais ténue sorriso.

– Ela já estava morta antes de cair no chão.

– O quê? Mas ela... ainda está a gritar.

De súbito, Cristabel calou-se e o seu peito ficou imóvel como pedra.

– Ela está morta desde o primeiro instante – explicou Jagang, com um lento sorriso a aflorar-lhe aos lábios ao fixar Ulícia –, graças àquela cunha de que vos falei, a mesma que inseri nas vossas mentes. Aquilo que veem é a alma dela a gritar. Estão a assistir ao seu tormento no mundo dos mortos. Parece que o Guardião está desiludido com as suas seguidoras.

Jagang ergueu um dedo e Cristabel retomou a tresloucada agitação e gritaria.

Ulícia engoliu em seco.

– Quanto tempo... até... isto acabar?

Jagang humedeceu os lábios.

– Até ela apodrecer.

Ulícia sentiu os joelhos trémulos e, através da ligação que as unia, conseguiu sentir que as outras estavam prestes a desatar a gritar em pânico, tal como Cristabel. Era este o desagrado que o Guardião faria recair sobre elas, caso não conseguissem restabelecer a sua influência neste mundo.

Jagang estalou os dedos.

– Slith! Eeris!

Viu-se um reluzir na parede. Ulícia arquejou ao vislumbrar duas silhuetas com capas que pareciam ter-se materializado a partir da parede de pedra escura.

As duas criaturas com escamas deslizaram à volta da mesa sem ruído e fizeram uma vénia.

– Sssim, viajante de sonhoss?

Jagang abanou o dedo grosso, indicando Cristabel, que não parava de gritar.

– Lancem-na ao fosso do lixo.

Os *mrswith* fizeram as capas esvoaçar por cima dos ombros e inclinaram-se, soerguendo o corpo convulsivo da mulher que Ulícia conhecia há bem mais de cem anos, uma Irmã que a ajudara e fora uma servidora obediente dos desejos do Guardião. Iria receber a recompensa pelos fracos serviços prestados. Todas elas iriam.